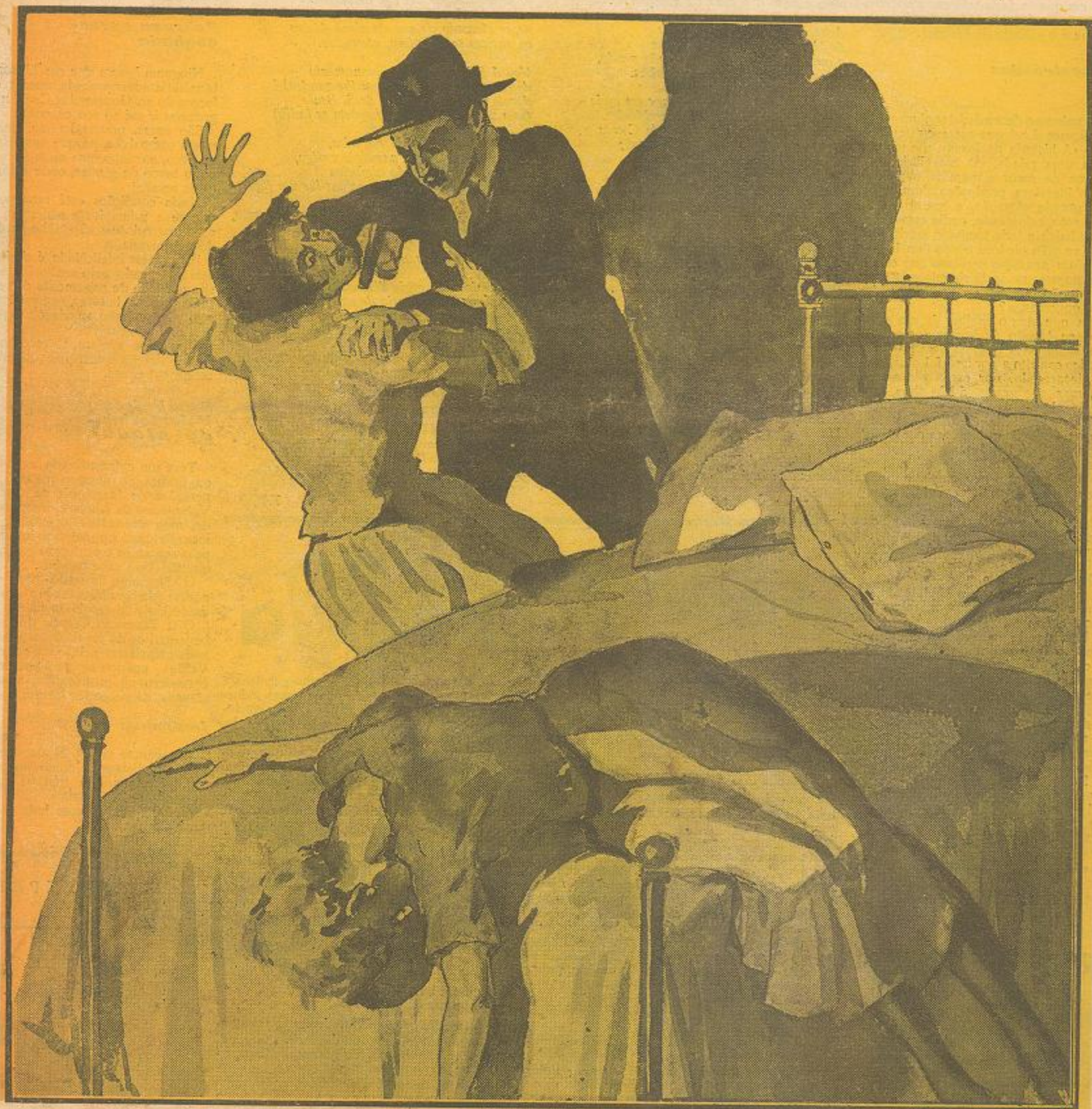
A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 41 — PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO *ilustrado*

AGENTES EM TODA A PROVINCIA COLONIAS E BRAZIL

O'ULTIMO GRANDE CRIME DE LISBOA

O duplo assassinato da Rua Saraiva de Carvalho

Um terrivel facinora chacina sua mulher e sua sogra com o maior cinismo, escalando o aposento onde repousavam. No dia seguinte o assassino jogava a bisca tranquilamente e ria no Governo Civil, segundo o relato de varios jornais.

Veja o nosso concurso de novelas curtas

O DOMINGO ilustrado

ANO I — LISBOA 25 DE OUTUBRO DE 1925 — N.º 41

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. – CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. o Seculo, 150

ECOS

Os bonecos do «Domingo Ilustrado»

O nosso jornal mandou propositadamente confeccionar alguns admiraveis bonecos d'arte afim de serem vendidos no «mercado seiscentista» do Largo de S. Domingos.

Tambem um belissimo coche antigo andou pela cidade com duas elegantissimas artistas do Eden-Teatro, sr.as D. Ricardina Maia e Cesaria Henriques, distribuindo um dos lacaios prospectos em que se fazia referencia ao «Domingo ilustrado» e á notavel iniciativa do grande jornal que é o «Diario de Lisboa».

O mau sestro dos poetas

O leitor lembra-se de ouvir falar n'um poeta chamado Gomes Leal que escreveu um livro muito lindo «A historia de Jesus», um volume que lembra uma rajada, «O anti-Christo» e muitos outros de amor e tragedia, obras primas de uma literatura, produções d'um cunho poetico de grande elevação, e que no fim da vida, velho, roto, esfomeado, pedia esmola pelas ruas da baixa e teria tombado morto para uma valeta se mão piedosa o não tem levado para casa n'um agasalho caridoso que era ao mesmo tempo uma resposta singela mas enorme de expressão, atirada ás bochechas dos homens da governança?

Um poeta que deu o melhor da sua mocidade e do seu talento ás hostes que combatiam a monarchia mas que, no ocaso da vida, fez-se catolico contrito e por isso foi olhado de esguelha, despresado, por esses que eram e são zeros, mas que graças á bôa alma, casta e idialista de alguns puritanos, se alçaram ao mando da governação, arrotando imbecilidades sobre quem lá os colocou por clareza d'alma e pureza de intenções.

Pois a esse Gomes Leal poeta, estava agora reservado mais um escarneo que bem mostra as luzes foscas dos entendimentos luzitanos.

Existe no Largo do Intendente um quiosque ou traquitana que serve para vender cautelas e vinho aos carroceiros.

Pois na montra da espelunca decorativa, exemplo flagrante do muito siso artistico dos nossos edis, está exposta uma caricatura do grande e infeliz poeta Gomes Leal, tendo por baixo, n'uma versalhada pifia, um reclamo reles á lojeca, em que se rima á bruta um numero da lotaria certo na caverna e em que se diz que todo o «papo-seco» como aquele deve comprar o dito vigessimo ou lá o que é!

E permitem as autoridades, a policia, as juntas de paroquia, que a caricatura d'um apostolo da Republica, um dos poucos que mais lhe deram e que só receberam coices, esteja para ali a servir de escarneo, de ignominia para quem teve a felicidade de lêr um dia a casta «Historia de Jesus» ou a tragica «Dama de Luto»!

Senhor Chefe da esquadra de policia dos Anjos! Mande tirar aquilo d'ali para ao menos fingirmos que não somos um paiz que está encostado á Europa por engano!

EXPLICAÇÃO

O MEDICO: — O senhor fala quando dorme?
O DOENTE: — Não senhor! Quando dormem os outros!
— Como é isso?!
— Faço conferencias literarias!

Má língua

UMA FESTA...

Só se fala na festa dos Mercados,
que ha-de mostrar bellezas de hortaliças,
com robálos tangando, encasacados,
peito a peito com couves e nabiças...

Acho uma ideia luminosa esta
de fazer tagatés e louvaminhas
a quem, por uma alface que não presta,
léva coiro e cabello aos alfacinhas.

As peixeiras, gaivótas que onde em onde
vemos na urbe, em bandos sorridentes,
tão meigas quando passam pelo Conde
Barão e outras artérias adjacentes;

as distinctas e illustres regateiras
sempre tão delicadas e atenciosas,
que vivem a ensinar boas maneiras
ás horreudas canastras *ominosas;*

tudo isso, essa metade enriquecida
á custa de uma cruel necessidade,
merece que a metade empobrecida
lhe chame com calor — «cára metade».

(Ao menos, não suja a hypocrisia
que a gente encontra em torno, se repára;
é pão pão queijo queijo; á luz do dia
rouba-nos a camisa cára a cára)

Avante pela festa dos mercados!
Já que nós, os eternos «mercadores»
nunca mais passaremos de encravados,
tóca a folgar, — para alliviar as dores.

Eu, hei-de ir á Ribeira, que nos trouxe
tantas desillusões, tantos enganos,
ver como até os peixes de agua doce
lá, têm no prêço o sal dos cinco Oceanos.

A seguir compro um bife de bezerro
e quatro rabanetes mal pezados
nesse Mercado de que em pleno Aterro
os narizes se affastam, aterrados.

Vou á Feira da Ladra, monumento
de fsio nome (mas que bem lhe quadra)
depois de ir ao Mercado de S. Bento
(sem ser aquelle em que tambem se ladra)

Irei depois á Praça da Figueira,
em reverencia ao seu prestigio antigo,
levar a minha flaccida algibeira
a um vendedor que hade chamar-lhe um figo.

Por fim, ao da Estephania. — Alli a um passo,
numa rotunda que corôa o morro,
o pobre Marechal estende o braço
num gesto supplicante de soccorro.

Se, depois desta orgia dispendiosa,
me sobrar a apparencia de um vintem,
quero ir vêr uma scena portentosa
que hade haver no Mercado de Belem...

Ao fundo, o rio. Atraz, um gradeamento.
Eleita pela turba, uma «rainha»
gargarejando, olha um chapeu cinzento;
Rométa e Julieu da Pescudinha...

Lá por cima, Albuquerque é todo ouvidos;
e, como certas coisas o incommodem,
aponta ao mundo os velhos pés, doridos,
-que não dão pontapés porque não pódem.

TAÇO

questão prévia

VEJO nós jornais a gratissima noticia de que o gaz para iluminação e força motriz baixou de preço. Quando se depara uma noticia d'esta natureza, anunciando uma melhoria de preços, o consumidor esfrega os olhos, belisca-se, pede á familia que o sacuda violentamente, na convicção de que está a sonhar e de que vai despertar daí a pouco, encontrando na dura realidade da vida não uma baixa, mas uma maior elevação de preços.

O abatimento com que as Companhias Reunidas agora mimosearam os consumidores de gaz é realmente enternecedor. A' maneira do imposto em Roma, segundo a anedota, o gaz começou por não existir nas canalisações durante os anos da guerra e depois assinado o armisticio levou mais tempo a reaparecer que o tratado de Versailles a discutir. Timidamente e a prestações começou a brilhar nesta ou naquela rua, como envergonhado duma tão longa ausencia e como convinha á sua atitude encolhida vendia-se modestamente a oito tostões o metro cubico. Foi recebido com transbordante alegria pelas donas de casa: era a luz que voltava aos lares modestos, era o esquentador a funcionar nas casas de banho, era, emfim, uma utilidade que, não sendo barata, estava todavia ao alcance dos orçamentos domesticos de muita gente.

Animado pela recepção, eis que o gaz se apodera de novas areas e sobe a novos andares, batendo em concorrencia a sua mana, a Dona Electricidade. Incham de orgulho, os gazometros, assobiam os bicos, de satisfação pelo triunfo e quando toda a cidade voltou á sua posse, o gaz, o velho gaz amigo dos lares remediados e das pequenas industrias, encara, de sobrolho carregado, os consumidares e aumenta-se de cincoenta por cento, passando a mil e duzentos por metro.

E ha quanto tempo isso dura!... Em vão a libra, como velha gotosa, tem descido lentamente, degrau a degrau, a escada carunchosa do cambio. O gaz tem-se mantido nas suas tamanquinhas, sem ceder um centimetro cubico da sua importancia.

Mas chega sempre uma hora de justiça e essa hora solene acaba de soar no relogio das Companhias Reunidas. Considerando os sacrificios tremendos do consumidor, os benemeritos fornecedores da luz o calor aos domicilios decidiram baixar o preço do gaz—meio tostão em cada metro. Confesso que é com lagrimas de gratidão e alegria, como consumidor de gaz que sou, que estou escrevendo estas linhas, que espero as Companhias Reunídas farão recortar e emoldurar, pendurando-as na sala nobre de seus paços.

Meio tostão em metro cubico!... Depois dum aumento de 50 por cento uma redução de 4. E' de estremecer, sobretudo se nos lembrarmos que as mesmissimas Companhias que nos abatem meio tostão no gaz, simultaneamente nos aumentaram quinze vezes o aluguer dos fogões e contadores. Decididamente estamos em presença duma Companhia de Gaz... hilariante.

Feliciano Santos

ECOS

100 Novelas!

Deram já entrada no nosso jornal, justamente á certa, cem novelas curtas! Se outras provas não houvesse da enormissima e cada vez maior expansão de «O Domingo ilustrado» bastaria este simples facto para o demonstrar eloquentemente.!

E' com orgulho que o registamos. Brevemente publicaremos a lista dos concorrentes, o juri de selecção e classificações, e a lista dos inumeros prêmios.

Pobreza envergonhada

Ninguem ignora que em Lisboa existe muita miseria envergonhada, apesar dos bons esforços do sr. Governador Civil, no sentido de procurar ir até ao seu encontro.

São esses, principalmente, que merecem a nossa compaixão, porque nascidos n'um berço de ouro, encontram-se no momento que passa, n'um berço de giestas, onde a fome e a doença os assalta!

Nesta condições está uma pobre creatura, que teve principios e educação, mas a quem a «turberculose» não sabe perdoar, reduzindo-o á miseria.

Para maior infelicidade é chefe de familia e está ameaçado pelo senhorio de perder a casita por falta de pagamento de rendas.

Os nossos leitores, sempre bons e generosos, não poderão suavisar um pouca a desdita d'este homem?!

Para eles apelamos. recebendo na nossa Administração quaesquer donativos para lhe serem entregues.

Bombeiros Voluntarios da Ajuda

Teve um extraordinario exito a nossa pagina grafica do numero passado. Entre as corperações de filantropia da nossa terra, a dos Voluntarios da Ajuda é, sem sombra de duvida, uma das mais dignas de figurar em largo logar de destaque, pelo seu interesse e desvelo, pelo seu amor e protecção e pelos fins altruitas que tão bem sabe cumprir.

O «Domingo ilustrado» fará em breve uma noticia da grandiosa obra dos Voluntarios, modestamente recolhida na sua enorme valia.

O sr. Fernando Correia dos Santos, um dos benemeritos da preciosa corporação, e um dos mais entusiastas pela obra generosa da «Cruz Verde» prestou-se gentilmente a colaborar comnosco na propaganda, a todos os titulos elevada, da simpatica instituição.

Imprensa

Recebemos o n.º 24 da excelente Revista «O Charadista» que, como sempre, insere, alem da habitual pagina literaria, uma esmerada colaboração charadistica.

Continuaremos, com todo o prazer, a manter a permuta.

EXPERTEZA

— Já sei que tem creada nova!
— Como adivinhou?
— Deduzi! As impressões digitais nos pratos não são as mesmas!

HUMORISMO

crónica alegre

OPTIMISMO DE UM PAE... DA PATRIA

ENCONTRÁMOS ha dias no edificio do Congresso, nos Passos Perdidos (sala que assim se denomina, porque dos passos que ali se dão não resulta utilidade para ninguem) um deputado nosso ilustre conhecido.

Desde o advento do regimen que tem conseguido não sair de S. Bento, tendo sido sucessivamente eleito, pelo que é um pae da patria, tão cronico e

dispendioso que mais parece filho da dita senhora.

Por certo as proximas eleições continuarão a mantê-lo no seio da representação nacional, o que é a melhor forma de não voltar ao seio da familia.

Foi mesmo esse o principal, senão o unico, motivo que o fez ingressar na politica. Vivendo na provincia, era este o melhor pretexto para as longas escapadelas até á capital.

Anciosos por conhecer os seus projectos e intenções para as futuras camaras, abordámo-lo, posto que o vissemos com cara de poucos... mesmo de nenhuns... amigos.

—Pelo visto mal disposto; alguma noticia desagradavel?

—Penso que isto não póde continuar assim.

—Mas o que ha?

—Não ha nada. É esse o mal. Não ha dinheiro; não ha caracter, não ha vergonha, o custo da vida por exemplo já devia ter baixado...

—É a unica coisa em que apezar de ser para baixo os Santos não ajudam.

—Verá quando o meu partido subir ao poder...

—Em que partido está?

—Cada vez mais para a esquerda. Sou canhoto de nascença. E' portanto o partido em que me sinto mais á vontade.

—E o que projecta para as futuras sessões legislativas?

—Antes de mais nada, melhorar a pavorosa situação dos parlamentares. O nosso sacrificio pelo país tem de ser condignamente compensado. Tenho uma familia numerosa; a vida continua carissima; os generos um dinheirão, o vestuario um desproposito; o calçado um pavôr; diga-me como hei-de descalçar esta bota?

—Está apertada?

—Não; falo da minha situação que é insustentavel; o nosso cargo espinhoso merece uns certos previlegios. Já não digo que nos deem automovel, mas pelo menos electrico; vou propôr isso, que nos deem um passe...

—Sim, talvez, passe, deve propôr...

—E é bem pouco; deviamos ter como certos funcionarios, casa, agua e luz...

—Mesmo roupa lavada e engomada.

—E então não era justo? Mesmo um telefone e um correio privativo; emfim umas certas regalias...

—Decerto uma vida regalada.

—Mas para o bem da patria, porque nós temos uma alta missão a cumprir.

—Lá isso teem.

—E' pelo bem do paiz, que trabalhamos...

—Bem mal.

—Mas bem vê, com esta má disposição constante, não podemos fazer mais...

—E' claro o *bem* da patria, mas se fôr *bem* págo.

—E não é justo pelo muito que sofremos? O publico é perverso, temos que lhe sofrer as afrontas, quantas vezes ainda nos acusam de termos cumplicidade em negocios escuros.

—Intrigas, a camara é que é um pouco escura.

—E afinal o paiz não está num estado tão critico como o pintam. Dizem que não ha dinheiro mas ha.

—O' s'ha.

—Diga...

—Não é consigo; isto é, estava aprovando.

—Diz-se que estala mais isto e mais aquilo, mas mesmo que estale, alguma coisa se ha-de fazer.

—Concertar-se.

—Mesmo que venha a bancarrota...

—E' claro, coze-se...

—A nossa situação não é assim tão desesperáda; a França está-nos reconhecida; morremos-lhe nos campos de batalha; ninguem póde negar que nos batemos com os alemães...

—E até com as Francezas.

—A nossa industria tende a desenvolver-se...

—E' certo, ha imensos cavalheiros que a ela se dedicam agóra...

—O comercio tem engrossado...

—Até mesmo os comerciantes...

—Somos um paiz explendidamente colocado para o comercio mundial, temos largas e extensas costas.

—Na verdade temos as costas largas...

—A Inglaterra é nossa amiga, aprecia-nos.

—Imenso...

—Sábe que temos um vasto territorio, que temos numerosas colonias...

—Acha que temos até demais...

—A Europa olha-nos como um povo glorioso; raça de guerreiros e de herois; emfim um povo que tem passado...

—Sim lá vamos passando.

—O mundo só espera que nós, raça de navegadores, de novo nos lancemos ao mar.

—Era uma limpeza.

—A nossa vida tem sido no mar...

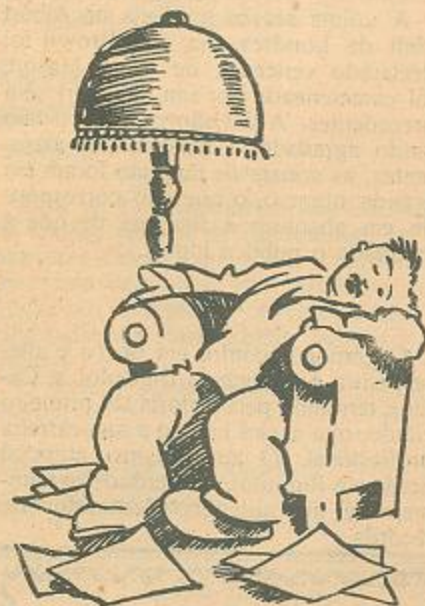
—Na verdade sempre temos ido no bote...

—De resto ainda temos navios...

—Estamos a ve-los.

—A America tem os olhos postos em nós.

—Os olhos e muitas vezes os marujos.

—Porque nós somos o paiz com

quem por via maritima mais facilmente póde comunicar; o paiz emfim, que pela sua situação a America tem mais proximo como entreposto comercial.

—Sem, duvida, mais á mão de semear.

—Porque, finalmente, meu caro, deixe-me dizer-lhe, nós é que não sabemos aproveitar a explendida situação geografica de que gosamos, porque estamos aqui mesmo no centro da Europa e do mundo encravados...

—Encravadissimos...

AUGUSTO CUNHA

REFLEXÃO TARDIA

—Alfredo! Depois da nossa discussão de hontem, pensei e vi que tinhas razão...

Notas meúdas

(Após a festa dos mercados e a escolha das rainhas do povo que tambem é soberano).

Dialogos que desde já se podem prever:

Numa janela, uma fregueza:

—A como é que Vossa Magestade vende o carapau?

—Olhe, venha a baixo, é melhor descer! (A fregueza dirigindo-se para a escada):

—Mas isto não é descer, princeza, tenho até muita honra...

Numa escada:

—Então, não dá por menos?

—Ora essa! Que tal está a pinderica! O que disse está dito; palavra de rainha não volta atraz.

Num processo, o juiz, para apreciação de documentos juntos por um dos litigantes, mandou como é da lei, dar vista á outra parte:

Dias depois um parente do interessado:

—Agradeço penhorado a bondosa intenção de V. Ex.ª, mas é impossivel: o réu é cego de nascença...

Como as aparencias iludem:

Na arcada:

—Quem será aquele sujeito tão baixo?

—E' um dos altos Comissarios das Colonias.

Numa estação de caminho de ferro.

O chefe furioso para um subalterno:

—Então o senhor manda-me hoje o factor Correia, que já devia ter vindo hontem e mandou hontem o factor Silva que só devia comparecer hoje?

—V. Ex.ª desculpará, mas como a ordem dos factores é arbitraria...

SABEDORIA

—Ora vês? Desde que te cazaste já trazes os botões cosidos!

—E' verdade! Foi minha mulher que me ensinou a pregá-los!

Sports

ATLETISMO

O torneio internacional de Paris

De todas as manifestações sportivas da presente epoca, marcou de forma invulgar pelo valor e qualidade dos atletas inscriptos, o concurso de sports atleticos realisado a 3 e 4 do corrente, em Paris.

Os clubs organisadores tendo obtido a inscripção de algumas estrelas do atletismo, como o suisso Martin, os suecos Engdhal e Petterson, o finlandez NittiMaa, o norueguez Hoff, os americanos Evans, Riley etc, formaram um programa atraente, em que os resultados técnicos ultrapassaram toda a espectativa.

Em velocidade pura, a grande revelação foi o holandez Van Den Berg, que triunfou brilhantemente em duas provas de cem metros, conseguindo n'uma d'elas 10 s. 3/5, tempo que marca o nosso record da Holanda, e que se classificou segundo nos 200 metros, em 21 s. 3/5, valor que constitue egualmente o record holandez da distancia. O vencedor n'esta corrida foi o especialista americano Evans, que foi creditado de 21 s. 2/5, a melhor «perfomance» realisada em França n'esta prova.

E' interessante recordar que Van Den Berg tomou parte nos Jogos Olimpicos de 1924, na eliminatoria dos 200 metros, em que foi incluido o nosso representante Gentil dos Santos, findando os dois corredores sobre a mesma linha. Se o nosso excelente sprinter tem melhorado nitidamente a sua fórma, é forçoso reconhecer que o campeão holandez não deixou os seus creditos por mãos alheias.

Nos 300 e 400 metros, o sueco Engdhal obteve uma dupla victoria, respectivamente em 35 s. e 49 s. 3/5.

Nos 800 metros, o suisso Martin segundo classificado nos ultimos Jogos Olimpicos, triunfou com relativa facilidade d'um lote de bons atletas, em 1 m. 55 s. 2/5. Mas nos 1000 metros, foi dominado pelo nosso conhecido Baraton, actualmente em grande forma. O tempo de Baraton, 2 m. 29 s. 2/5 estabelece o novo record da França.

Nos 3000 e 5000 metros, o francez Guillemot, o sueco Ekloeff e o finlandez Berg, destinguiram-se particularmente n'um embate admiravel. Berg triunfou nos 5000 metros em 15 m. 9 s. 4/5, e Ekleff nos 3000 metros, em 8 m. 38 s. valor que se aproxima bastante do maximo mundial.

Nos saltos em altura, o hungaro Gaspar atingiu 1 m. 88 e o francez Lewden, 1 m. 85.

Nos saltos em extensão, o negro Hwaitiano Cator conseguiu 7 m. 61 e o norueguez Hoff, 7 m. 23. Cator afirma-se dia a dia, um perigoso pretendente ao record do mundo, ultimamente elevado a 7 m. 822, pelo americano Hubbard.

Nos saltos á vara, o rocordman Hoff fez uma exibição impecavel, passando ao primeiro ensaio 4 m. 05 e a seguir 4 m. 15, falhando 4 m. 26 por muito pouco. O record mundial pertence-lhe com 4 m. 23.

Nos lançamentos, o finlandez Nittymaa atingiu 43 m. 33 ao disco e Paoli 13 m. 93 ao peso.

Nos 110 metros barreiras, o campeão americano Riley triunfou mais uma vez em 15 segundos, findando assim uma «Tournée» pela Europa, em que nunca foi batido nesta prova.

Finalmente, nos 400 metros barreiras, o sueco Petterson, causou uma justificada impressão, realisando 538 4/5, valor que estabelece o novo record do mundo.

Os formidaveis resultados que sucintamente acabamos de enumerar, indicam de maneira insofismavel, o longo espaço que temos de vencer para atingir semelhante grau de perfeição, no atletismo.

C. LEAL

I-Portugal-Hespanha

No Stadium Metropolitano de Madrid, realisa-se hoje como noticiamos, o primeiro encontro de sports atleticos entre Portugal e Hespanha.

A equipe portuguesa que seguiu para aqueia cidade na quarta-feira ultima, foi selecionada criteriosamente e deve realisar não obstante o adeantado da epoca, uma boa exibição, podendo com alguma chance triunfar da seleção hespanhola que se anuncia formidavel. O dia d'hoje marca pois o inicio duma nova epoca para o atletismo Portuguez, sendo de prevêr que a nossa «classe» sofra assim um assinalado impulso.

ESTRANGEIRO

EM POUCAS LINHAS

No match anual de foot-ball realisado ultimamente entre amadores e profissionais ingleses, a equipe amadora conseguiu triunfar por 6 bolas a 1. Os profissionaes jogaram sem convicção sofrendo a sua primeira derrota, com um resultado bastante infeliz.

* * *

Noticias da America, afirmam-nos que o engenheiro M. Cribb acaba de realisar um motor, que será um verdadeiro bolido. Com efeito o novo engenho de 250 HP. a 6 cilindros verticaes deve ultrapassar as 200 milhas, ou sejam 320 kilometros, á hora.

* * *

A ultima sessão pugilistica no Albert Hall de Londres, em que Brown foi declarado vencedor de Harry Mason, foi caracterisada por um charivari sem precedentes. A decisão do arbitro não tendo agradado á maioria dos assistentes, as scenas de pugilato foram em grande numero, o que não corresponde em absoluto á fleugma de que é creditado o publico inglez.

* * *

O grande encontro em pesos e alteres, entre os franceses Rigoulot e Cadine, terminou pela victoria do primeiro citado, que assim iniciou a sua carreira profissional. O amadorismo mundial perde em Rigoulot, um verdadeiro fenomeno e um autentico demolidor de records.

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

VALENÇA.— Para inicio do campeonato de 1.ª categoria do distrito, deslocou-se a Viana do Castelo, onde foi jogar contra o Sport Club Vianense (Campeão do Minho) o 1.º grupo do Sport Club Valenciense. Ganhou o Sport Club Vianense por 4-0 depois de um jogo violento da parte d'este.—C.

PORTO.—Para a disputa do Campeonato Regional, continuaram os jogos no domingo passado. O Caudal bateu o Vilanovense por 4-1; o Academico perdeu com o Boavista por 4-2. Ambos os desafios decorreram com interesse; em nenhum se fez «association». Quanto á nova lei os nossos jogadores não lhe ligam importancia. Praticam o mesmo jogo que o ano passado; e com (salvo raras excepções) nunca souberam aproveitar-se do «one back systen» da mesma forma desaproveitam as vantagens do novo regulamento... se é que esta o tem.—C.

PORTIMÃO.—Realisou-se no dia 18 do corrente um desafio entre o Portimonense S. Club e o Esperança de Lagos para a disputa da taça Algarve. Venceu o P. S. C. por 4-0; ambos os grupos jogaram com falta de conjunto. No dia 19 em desafio particular jogou o P. S. C. e o Silves Foot-Ball Club, cabendo a vitoria ao primeiro por 3-0.—C.

COIMBRA.—Realisou-se a Volta á Couraria por equipes de cinco corredores, prova organisada pelo simpatico União Foot-Ball Coimbra Club, com que bastante tem trabalhado pela causa Sportiva desta Cidade.

Nesta importante prova inscreveram-se 6 equipes, tendo havido bastante entusiasmo entre os desportistas conimbricenses. O 1.º club a cortar a méta foi o Nacional seguido do Progresso (equipe A) e do União, gastando no percurso respetivamente 48 m. 25 s.—48 m. 45 s. 2/5—49 m. 45 s. seguindo-se os Conimbricenses, Santa-Clara e Progresso (2.ª equipe).

A equipe do Nacional ficou detentora da Taça União, o Progresso da Taça Coimbra, e o União do Bronze Gazeta de Coimbra.—C.

CASTELO BRANCO.—Dos cavaleiros que andam a realisar o circuito hipico de Portugal, o primeiro a chegar a esta cidade foi o tenente Brandão de Brito, concorrente n.º 11, pelas 15 horas do dia 19.

O concorrente n.º 41, civil José Tanganho, chegou 15 minutos depois.—C.

VENDAS NOVAS, 20.—Visita brevemente esta vila o Sporting C. do Intendente de Lisboa, que se defrontará aqui com o Estrela Recreativo.—C.

LOUSÃ, 18.—No campo desta vila defrontou-se hoje o Lousã Foot-Ball Club com o Aviz Atletico Club, de Coimbra. O jôgo apesar de um pouco duro a principio por parte do Aviz, terminou na 1.ª parte com 4 bolas a favor da Lousã que,—principalmente no 2.º meio tempo, dominou inteiramente o grupo conimbricense. Terminou o encontro com a vitoria para a Lousã por um «scóre» de 9-0.—Do L. F. C. distinguiram-se todos os jogadores, ao passo que do Aviz H. L. poucos o fizeram, apezar de nele haver elementos de reconhecido valor.—A arbitragem a cargo de H. Lima, da União F. L. L., foi boa e imparcial. A assistencia era composta por mais de 2000 pessoas. Soube assim o povo da Lousã recompensar com galhardia o esforço que algumas pessoas desta vila empregaram para a fundação d'um grupo de foot-ball.

Nos proximos domingos deve realisar encontros com o grupo hoje vencido e com o Castanheira de Pera.—C.

O formidavel exito DO NOSSO

Concurso de Novelas

Ultrapassou todos os prognosticos o sucesso do nosso Concurso de Novelas Curtas. Até esta data deram entrada na nossa redação, oitenta e seis originais de novelas que serão devidamente apreciadas por um júri, afim de se fazer a classificação para a distribuição de

3 GRANDES PREMIOS

E MAIS

6 PREMIOS

As condições do Concurso são as seguintes:

— Os concorrentes entregarão os seus escritos até ao dia 30 de Outubro nesta redação em carta fechada e dirigida ao CONCURSO DE NOVELAS CURTAS.

— As novelas deverão ser escritas em letra legivel, duma só face do papel e nunca superiores a quatro folhas de papel almaço.

— O tema das novelas pode ser, policial, tragico, sentimental ou de aventuras.

— Deverão ser observados os principais caracteristicos das novelas que aqui temos publicado, e que são: Acção rapida, humana, consisa, dividida em pequenos periodos e de preferencia focando a vida dos nossos dias, nas suas tragedias e ambientes.

O Concurso é encerrado no dia

30 DE OUTUBRO

ATÉ LÁ, TODOS PODEM CONCORRER

As novelas não classificadas nos nove premios, mas que ofereçam condições, serão publicadas em

TEATROS

á sucapa... o momento teatral á sucapa...

Outros tempos, outros habitos

Desde que este jornal é jornal que aqui se têm feito muitos elogios a actores e actrizes dos nossos palcos. De entre tantos elogiados apenas aqui recebemos, como agradecimento, uma carta enternecedora da gloriosissima artista e genial mestra de teatro que se chama Lucinda Simões, um cartão desse «gentleman» da scena que é o ilustre artista Luiz Pinto e algumas palavras de Carlos Leal, o alegre e popular actor.

No entanto, se uma beliscadura toca ao de leve algum trabalhador dramatico logo o jornal tem todos os defeitos e os redatores não sabem nada. E' curioso notar como entre a gente de bastidores se perdeu essa elementar correção de agradecer um elogio. Apenas os antigos, ou aqueles que por natureza e educação vivem como pessôas de sociedade, se dão a esse luxo.

Nos já longos anos em que temos escripto sobre teatro recebemos cartas das mais altas figuras da scena, como Brazão, José Ricardo, Augusto Rosa e Ferreira da Silva—só para citar quatro grandes mortos. Agora dos mediocres, ou mesmo dos suficientes, desses, nada—quando muito, coisas...

As borlas

Uma empreza anunciou em letras grandes nos seus cartazes de jornal: «Estão rigorosamente suspensas as entradas de favor. Toda a correspondencia a pedi-l'as será desatendida». E' um gesto energico que cumpre assignalar. Em Portugal ha com efeito o vicio da borla. Houve tempos em que certo jornal de numeroso corpo redactorial pediu um dia treze camarotes e vinte «fauteuils» de graça!

A borla é ás vezes muito necessaria ás emprezas, e outras, muito raras, é prejudicial. O que nos não parece preciso é a forma, digâmos, áspera, como o anuncio em questão põe o caso, E' verdade tambem que todos nós sabemos que muitas vezes os cartazes dizem: «estão suspensas os entradas de favor», e ao fim da noite tomára o emprezario que lhe tivessem enchido o teatro com borlas, pois só com o seu preço teria feito talvez face á ceral.

Não é este o caso de agora, e é possivel que fosse preciso essa energia para fazer perder as esperanças aos mais renitentes.

SANTOS CARVALHO

Entre os actores do genero alegre, Santos Carvalho ocupa hoje um belo logar. De representação natural, cuidando o detalhe, dá ás figuras que interpreta uma certa personalidade que justamente o acreditam como um dos nossos melhores «rabulistas».

Sabendo fazer rir o publico sem recorrer á mais facil maneira, isto é, contemporisando e alimentando os baixos e morbidos paladares das multidões, Santos Carvalho, é um dos nossos bons actores de revista, pondo sempre nos papeis que executa uma probidade e honestidade de processos, já rarissimos entre os actores do genero.

A empreza do «Maria Vitória», consagra-lhe a proxima noite de 29 associando-se a essa homenagem: Estevam Amarante, Lina Demoel, Carminda Pereira, Alberto Ghira, o jornal «Canção de Portugal» e o conhecido guitarrista «Armandinho».

O «Domingo Ilustrado», gostosamente endereça ao simpatico actor as suas felicitações.

Bifes á A. C. T. T.

Não póde ser tomada como má vontade, campanha derrotista, ou outro qualquer palavrão mal sonante, o dizer-se que a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro está na agonia.

E' vergonhoso, é um caso sem nome, mas é um facto. Já ninguem acredita numa mézinha salvadora, e o Messias em que uma parte ingenua da classe acreditou, deixou-se ficar na casca.

A Associação vai morrer. Cremos mesmo que já morreu. O que ha mezes vive no primeiro andar do Largo da Anunciada, é um tristissimo espectro das iluzões do começo.

Mas, porque cae a Associação? Unica e simplesmente... por estupidez! Porque se fizermos as contas, a Associação não tem, inimigos, a Associação é bem vista pelas estações oficiaes, a Associação tem a amizade de todos os que a conhecem.

Mas... os actores e atrizes, essa classe inteleclual, é que lhe votou um desprezo que ninguem entende. A grande maioria não põe lá os pés, nunca quiz saber d'aquilo para nada na imbecilidade «snob» de se julgar não sabemos quê. Só uma minoria frequentava a sede e essa, salvo algumas excepções, em nada concorria para o levantamento da agremiação, antes pelo contrario, se o Vitor se lembra um dia de apresentar o seu livro de contas a uma assembleia geral, é coisa falada.

Depois, o relaxamento entra em tudo, nos continuos, nos actos, nas ações, e hoje a Associação é apenas um «bufete» onde umas tantas familias veraneam... excessivamente barato.

Faz pena, sentimos profundante o amargor d'estas verdades, mas não ha que fugir á cruel realidade. A A. C. T. T. está agonisante mercê da indiferença de todos os interessados e, se ha mais tempo não morreu, é porque duas ou tres vontades ainda a agarraram n'uma teimosia que os outros todos desprezam, teimosia que á mingua de apoio e bastante carregada de desgostos, se vai abaixo, muito justamente. Faz pena.,. mas é verdade...

Exames para actor

Dos sete côncorrentes aos exames da Escola da Arte de Representar, apenas dois ficaram optos a tirar diploma de artista dramatico: Um cavalheiro de quem não sabemos o nome e a conhecida bailarina Maria Emilia Vieira (Carlinhos).

O resto... ficou tudo esperado para Março.

Augusto Cezar de Avelár

Pediu a sua demissão de todos os cargos que exercia na A. C. T. T. o sr. Augusto Cezar de Avelar que á causa associaliva deu o melhor do seu esforço e da sua vontade.

Ignoramos as causas d'esta decisão de Cezar de Avelar, mas estamos em crêr que a ela não são extranhas certas vergonhas de caracter moral ha pouco vindas a lume, com o proprietario do «bufete»...

Delenda A. C. T. T.

Temos informação que um grupo de Associados da A. C. T. T. projeta convocar na proxima semana uma assembleia geral na qual, segundo a expressão ouvida, "se lavará a roupa suja".

O mesmo grupo pensa em apresentar uma proposta que tende a transformar radicalmente a vida interna e externa da Associação.

«Tremidinho»

Está em Paris, fazendo um inquerito ás organisações artisticas francezas

O nosso ilustre colaborador e grande homem de teatro «Tremidinho», partiu para Paris onde tenciona fazer um largo inquerito ás organisações artisticas da França.

Conhecida a especial envergadura de «Tremidinho» é de esperar que as suas cronicas da grande cidade, produzam entre nós um extraordinario sucesso.

O ilustre homem de teatro já no proximo numero publicará a sua primeira carta que modestamente se intitula: AS CORISTAS FRANCEZAS E AS «ESTRELAS» PORTUGUEZAS na qual «Tremidinho» estuda com grande devoção artistica, não só os modernos processos de fazer teatro ligeiro como n'um paralelo inteligentissimo, o compara, critica e estuda em relação ao teatro lusitano.

Srs. homens de teatro! Escritores, actores, coristas, maquinistas, scenografos e electricistas: Leiam as cronicas de

T

Coliseu dos Recreios

Grande companhia de circo. Constantes novidades.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos

Companhia Lucilia Simões-Erico Braga-«O Ladrão».

S. Luiz

Duas zarzuelas: «A canção do Olvido» «Monteria».

Salão Foz

As maiores atrações de Cinema.

Avenida

Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama

Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «Zilda».

Eden

Brevemente a revista «No Paiz do Turismo».

Nacional

Fechado temporariamente.

Apolo

O «Saltimbanco» pela companhia Berta de Bivar Alves da Cunha.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

UMA HISTORIA COMO MUITAS...

Leitor: Deve haver n'este singe. lo relato um pouco da tua vida. Lê, que recordas...

—ONHECES aquela mulher?

—Qual?

—Aquela que está ali a fumar, junto ao espelho do fundo! Está farta de olhar para nós!

—Ah! Conheço!

—Quem é?

—Uma mulher, ou antes, uma ex-mulher!

—Está medonhamente pintada! Já é velha!

—Não, deve ter trinta e seis anos. Está talvez muito estragada. Quando a conheci, era bonita!

—Interessou-te?

—Muito! Foi minha amante!

—Gostáste dela?

—Bastante! Escuta:

* * *

—Não me lembro bem como a conheci! Talvez num electrico, numa rua, num teatro... não sei bem. Ela era uma recem-divorciada. Bonita, elegante, os olhos tinham um fulgor estranho, um brilho exquisito que queimava quasi! Olha para ela: Hoje os labios mal resistem ao vermelhão carregado do «baton», pois foram belos! Aquelas faces torturadas pela vida'irada, vincadas de velhice já, e tão sem brilho, eram galantes! Tinham um moreno quente, brando, assetinado e voluptuoso!

—Está estragadissima!

—Muito! Pois aquela «carcassa» que ali vês, espectro vivo duma existencia desenfreada, quasi uma mumia, foi a mulher muito amada de alguns e a cubiçada de todos! Hoje causa nauseas olhar para ela, e já lhe compraram muito caro os sorrisos!

Está ali feita um farrapo e já estadiou uma beleza eleita!

* * *

—Ela tomou-me como um capricho! Despertou-lhe a atenção a minha ingenuidade dos vinte anos, a minha inexperiencia, o meu todo acanhado de rapaz que aparece a olhar a vida! Tres dias depois, «deitou-me fora», já saciado o capricho, mas, meu caro, os meus vinte anos é que não tomaram isso á bôa conta. Implorei, chorei, eu não podia admitir que o meu sonho se apagasse tão depressa!

Os olhos apagados, sem brilho, cansados...

Achou-me graça e fiquei... com condições.

* * *

—O que nós fazemos! Hoje, quando a vejo, lembram-me as scenas que fiz, o ridiculo que fui e lamento profundamente a sinceridade que havia na minha alma! O que nós fazemos!

Eu era um fantoche nas suas mãos! A's vezes perdia a noite á porta dela... só para ver quem sahia pela manhã! E então as lagrimas, os rogos, as tristes figuras, eram certas! Ah! não rias! E's forte mas se ainda não fizeste o mesmo, ainda não é tarde para o fazeres! Eram os meus vinte anos, a minha carne môça, os meus sentidos a florescer! Tu sabes lá! Vel-a sahir de trem, com outro que nós não sabemos quem é, mas a quem desejamos a peor das vergonhas, a morte mesmo! Depois, os olhos abertos como para sentir melhor o coração a estoirar de anciedade, seguir o trem, correr, passar como um ladrão que espia uma presa! Depois o trem pára, ela desce e com uma gargalhada dá o braço ao «tal», nós na curva da rua mostramo-nos e ela n'um requinte de maldade, n'um gesto que tem a certeza que nos acerta em cheio no peito, ri alto, fortemente e some-se apertando-o muito, na escuridão da escada!

O trem afasta-se e logo nós pensamos mil vinganças, pancadas e despresos, scenas e discussões, mas tudo n'um amargôr horrivel, encolhidos na nossa pequenez de pobre e creança, mordendo os nós dos dedos até fazer sangue, cruelmente, como crueis são as lagrimas quentes que nos põem um gosto acre nos labios!

E assim uma noite inteira, á chuva, ao frio, sentindo apenas a nossa raiva e a nossa fraqueza, gemendo e amaldiçoando, as mãos crispadas, a cabeça em fogo, o peito em febre!

Vem a manhã, cobardes de nós proprios, afastamo-nos para que os visinhos não se riam de nós, mas á sucapa, espreitamos que «ele» saia.

Por fim, ela aparece á janela, a dizer-lhe adeus, sorrindo e «ele» sae, magestoso, triunfador, alheio ao nosso odio, contente de si!

Pela nossa cabeça passam mil lembranças que nos amarguram! Aqueles labios, aqueles, braços que são nossos!!... E jurou ela! E poude ela dizer que gostava de nós! E mentimos sim mentimos ao nosso raciocinio, procurado esconder a verdade que clara como agua se, estampa na nossa frente!

Uma decisão e entramos em casa dela! Tudo lá dentro cheira ás ruinas d'uma noite de amor! Vamos na intenção de pedir contas, de acabar de vez com tudo, de cometer um crime talvez mas, em vez de lhe gritarmos a falsidade, é ela que nos insulta, que nos avilta, que nos põe fóra, e nós, os olhos humidos de lagrimas, boca seca de emoção, os nervos lassos, um não sei qnê de extranho que nos tolha os gestos e as palavras, pedimos-lhe perdão... d'ela ser culpada! Perdão de lhe querermos bem!

* * *

—Sofre-se muito, crê! Arrostamos com todos os despresos com todos os desdens e para quê? Para nos enganarmos a nós proprios, para sofrer!

Mas, como a alma se engrinalda de festas quando ela entra e é a nós que se dirige!

Quando está com o outro, por interesse, só por interesse como ela diz e nós queremos por força acreditar, embora a razão nos diga o contrario, e furtivamente, n'um gesto canalha de traição, o apanha distraido e nos atira um beijo, um sorriso, uma promeça!

E quando alguem nos vem dizer:

—Sabes? Fulana, falou de ti! Disse-me que eras o unico homem de quem ela gostava!

Ah! Meu amigo! Uma confidencia d'essas, vale para nós dez anos de vida! Dizer-nos alguem que ela disse que nos queria!

* * *

Um dia vem uma zanga, juramos acabar de vaz, afogar para sempre n'um desprezo enorme, aquela cegueira de sentidos, aquele amarfanhar de torturas e sahimos, resolutos, firmes na nossa vontade!

Mas passam as horas, ela não nos procurou, não nos escreveu! Ficamos em casa a fingir um aborrecimento—que tem só por motivo, esperar por alguma coisa! Mas não, não nos escreve, não nos procura, e á noite dizem-nos que a viram com outras e outros em determinada festa!

A nossa raiva estala então! Procuramos um amigo, um conhecido qualquer e aproposito de nada, atiramos sobre ele maldições contra a mulher! Insultamo-la! Contamos intimidades, trazemos a nossa vida e a d'ela para ali, núa, sobre a meza d'um café, n'uma desvergonha sem nome! Mas tudo é pouco para o nosso odio, para a nossa raiva!

E vamos d'ali procural-a, saber o que faz. Ao vel-a queremos fazer-nos fortes, fingindo que fomos ali por acaso, mas ela sabe, ela sabe, e por isso não atende em nós, olha-nos indiferentemente!

... As lagrimas caindo, num grande amargor de desespero...

Por fim, vamos falar-lhe. Ri e nós choramos. Sofremos até que ela condescende e n'um beijo forte, enorme, toda a nossa alma é absorvida. Entregamo-nos todos, alvarmente, estupidamente!...

* * *

E assim levamos os dias, as noites, querendo mal a todos os que falam d'ela, odiando profundamente os que, antes de nós lhe chamaram sua, n'um matraquear constante de ciumes parvos!

Fugimos dos amigos para não lhes ouvir os conselhos que, a nossa razão foi a primeira a gritar mas que a nossa fraqueza não quer ouvir! Não pensamos senão nos braços d'ela, nos olhos, d'ela, nas palavras d'ela! Passamos horas a tentar projectos de regeneração e vida quieta, de lar, de existencia socegada, n'um ingenuo embalar de ilusões!

Dias de febre e odio, de beijos e pragas! Noites de dôr que nunca terminam, horas de agonia que jamais passam!

Por fim, vem um dia... e tudo se acaba! Tentamos lutar, rehaver o que tanto mal nos faz, mas ela, fugiu para longe! Engendramos investigações, pro-

(CONCLUE NA PAGINA 8)

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Os enamorados de Dona Amelia de Orleans

Pagina de evocação escripta sobre dados de alguem que conheceu a vida intima das Necessidades e onde paira com simpatia a figura da ultima rainha de Portugal.

NEM sempre tem sido vista com justiça imparcial a figura de D. Amelia de Orléans. Mais facil é encontrar elogios a sua sogra a Rainha Maria de Saboya — que se tornou celebre pela sua linha de nobreza, pelo desvario das despezas superfluas, e por um ar de deslumbrante magnitude que assentava bem aos nossos olhos de meridionais.

Em compensação, a princeza de França que se ligou a Dom Carlos de Bragança, sofreu amiude censuras ao seu espirito demasiado religioso, e á

Dona Amelia de Orleans na sua mocidade a mais linda Rainha da Europa

sua feição de organisadora e «menagére» economica e pratica. No entanto, Dona Amelia pode dizer-se que nos deixou sobejas provas duma sabia cultura e—devemos nós que não temos politica afirma-lo—dum invulgar e superior bom senso.

As desavenças notorias entre as duas rainhas derivavam quasi sempre, da politica pouco favoravel que Dona Amelia fazia aos constantes emprestimos á corôa, solicitadas por sua sogra.

Sabe-se que duma vez, D. Maria Pia, já aos sessenta anos, encomendou em Paris, no maior cinzelador de metais, um admiravel toucador. Esse movel precioso veio consignado de França á «Rainha de Portugal» e, na Alfandega, supuzeram que fosse para D. Amelia. O aviso de recepção foi pois para as Necessidades e a mulher de D. Carlos viu-o. Ela propria sentiu um certo prazer em entrega-l'o a D. Maria Pia—pois nele vinha mencianado o valor da compra: sete mil francos—uma pequena fortuna naquele tempo.

Mais tarde, a Rainha mãe, talvez um pouco «touchée» e não podendo satisfazer o compromisso grande dos direitos abandonou o movel na Alfandega, onde ainda está, armado e triunfal, no salão do Director...

* * *

Dona Amelia manifestou-se sempre uma mulher de rara cultura. A obra do sanatorio de tuberculosos pertence-lhe. Foi mais do que uma protectora oficial—foi uma directora de facto. O instituto de Camara Pestana cuja creação é sua, quando os estudos bacteriologicos eram entre os nossos medicos encarados a rir, vale como pedra de toque do seu espirito moderno.

Alem dessa faceta, Dona Amelia foi uma mulher de excepcional beleza fisica.

Duma altura enorme, o seu porte gentilissimo tinha alguma coisa de magestatico e de imponente. A sua fisionomia era doce e o seu sorriso dava-lhe logo o ar duma grande raça.

Chegada a Portugal a princeza de Orleans provocou sensação. A primeira recita de gala foi uma consagração em forma. S. Carlos em peso ergueu-se deslumbrado para o colo excultural da nova Rainha, coroado dos famosos diamantes dos Braganças.

Anonimos, perdidos entre as casacas aristocraticas da plateia, alguns peitos arfavam... Algumas paixões discretas e escondidas surgiram na meia luz da sala.

Semanas depois, dizia-se á boca pequena aqueles a quem a Rainha «dera volta ao miolo». E' altura das festas deslumbrantes. Surgem fulminantes de inspiração os versos de Gomes Leal. Ha mais poesias anonimas e apaixonadas. Tocam-se as primeiras valsas dedicadas á Rainha e aparece nos anais da adedocta palaciana o caso singelo e comovedor desta pagina.

Um rapaz beirão, filho de familia ainda entro cada com gente nobre, depois dum curso brilhante na Politecnica, entrou para cavalaria 4, como alferes. Era um tipo de boa graça lusitana, garboso, viril, alto e moreno, um pouco magro, os olhos rasgados de cigano.

Fazia esperas de touros no Campo Grande, e correu, com sucesso, na primeira corrida de cavalos dada em honra da Rainha, no Campo de Belem.

Esse rapaz—e fiquemos no seu primeiro nome: Ruy—casou precisamente no ano em que chegou D. Amelia a Portugal, e um mez depois do regio enlace.

Foi feliz o noivado do alferes, numa casinha cor de rosa a Alcantara, perto do quartel da Ajuda onde estava o regimento.

Passaram os mezes sem que Ruy se lembrasse daquele sobressalto que lhe dera o coração, quando uma tarde a Rainha, as sair do campo das corridas de cavalos, lhe disse carregando muito nos «rr», e com o mais lindo sorriso:

—Gostei muito de o ver correr... senhor tenente!

* * *

Uma manhã Ruy foi escalonado para ir de guarda ao Paço.

Correu como louco a casa a pôr o «dolman» novo, onde o oiro fresco das suas divisas de capitão se estreavam nessa tarde. Um beijo rapido na mulher, cosmeticos e um despezão de brilhantina no Soares cabeleireiro, e ei-lo á noitinha, tremulo e nervoso, na casa da Guarda, esperando o anuncio do jantar para subir á sala doirada das refeições intimas dos Reis.

Aqueles jantares eram sempre um pouco comprometedores para os pobres oficiais da Guarda, deslocados num meio de sociedade que não freqüentavam de ordinario.

A Rainha porem reconheceu-o e pô-lo á vontade logo. Perguntou-lhe se tinha continuado a montar «o belo cavalo negro»—e mais, disse-lhe que passasse pelo picadeiro, pois queria fazer uns «croquis» com o Casanova, e gostava que ele servisse de modelo.

Ruy balbuciou uns monossilabos envergonhados, e aprazou-se uma sessão para dahi a dias...

* * *

Naquela semana Ruy era outro. Duas vezes almoçou no Paço, e muitas tardes, no picadeiro, depois da Rainha fazer uns vagos desenhos num album, ficara a conversar, e a saborear o goso novo de tomar chá...

* * *

Num domingo D. Amelia foi imprevistamente á missa de S. Pedro, em Alcantara. Saía Ruy e a mulher. A Rainha estacou um momento. Dir-se-hia que o seu sorriso eterno estava nessa manhã mais vivo, o seu olhar mais sintilante e perturbador.

A esposa do oficial tinha os olhos maguados de vigilias e a expressão macerada. Vestia com discreta simplicidade. A Rainha vinha flamante de plumas brancas, e vestia côr de peito de rola. Acompanhavam-na as aias predilectas e o veador de serviço. Era o Conde de Paçô Vieira, aristocratico e leve—a S.ª de Figueiró, vestida como a Rainha, e D. Isabel Ponte, gorda, tropega, com grossos bagos de diamantes e o cabelo arripiado sob uma toque negra.

Os soldados que saiam da missa fizeram alas, o rapazio descobriu-se ao sol, e a comitiva entrou em silencio no templo frio e pesado de povo...

* * *

No dia seguinte estava no quartel de cavalaria 4 um bilhete do Paço. O mordomo chamava o capitão para voltar ao picadeiro, á hora habitual, por indicação da Rainha. Ruy apareceu pontualmente. A Rainha explicou que queria acabar um desenho feliz, e Ruy saltou sobre o lazão, correu lez a lez a larga quadra algumas vezes. Dona Amelia desenhou tranquilamente, com Casanova, o professor, ao lado.

Por fim a Rainha fez-lhe um sinal

Ruy corria no picadeiro das Necessidades

para que parasse e Ruy acercou-se do varandim.

—Senhor capitão, está aqui este desenho, foi o melhor que consegui fazer—e metendo-o numa carteira de marroquim vermelho, estendeu-lho, com um sorriso:

—Quero que leve esta recordação a sua esposa...

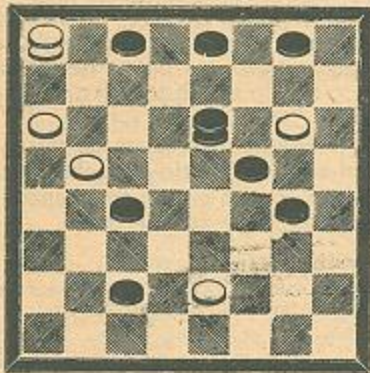
O Reporter Misterio

PASSA-TEMPO

Solução do problema n.º 39

	Brancas	Pretas
1	1-6	10-1
2	13-17	22-13-6
3	23-26	30-23-16
4	32-18	28-19-10
5	18-11	16-7
6	4-8	
	Ganha!!!	

PROBLEMA N.º 40

Pretas 1 D e 7 p.

Brancas 1 D e 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 38 os srs.: Antonio Nené Junior, Artur Santos, José Magno, Ratesvana (Oeiras), Vicente Mendonça (Lisboa), Um oficial (Penafiel) e Um principiante (Carvalhos), que nos enviou o problema hoje publicado.

—

NOTA—O problema n.º 39 do «Domingo Ilustrado» anterior ao actual teve, por gralha tipografica o n.º 30. Pede-se aos ex.mos leitores amadores que corrijam á penna o erro do tipo.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Uma historia como muitas

(*Cnntinuação da 6.ª pagina*)

curamos, queremos á viva força descobrir onde pára, n'uma anciedade doente, fatal!

Por fim, vem o tempo, e tudo esquece...

* * *

—Contudo, ainda quando a vês, como agora, te lembras d'ela!

—Não! Lembro-me das dores que sofri, dos meus vinte anos, das lagrimas que chorei por ela e sobre tudo, n'uma saudade enorme, n'uma recordação dolorosa, infinita, lembrome das minhas queridas iluzões... que ela me levou!

CORREIO DO

TOUTINEGRO.—Para que tanta modestia? São excelentes as suas produções e com todo o prazer inicio a sua publicação.

Espero que de futuro não deixará de continuar a honrar-me com a sua colaboração. Os meus agradecimentos.

LHALHA.—Registo, com prazer, a sua entrada no campo das lides... Agradeço as belas produções que se serviu enviar-me.

Como vê o seu pedido fica inteiramente satisfeito.

LISTA DAS DECIFRAÇÕES

Informo os srs. charadistas que deverá ser entregue até, o mais tardar, sabado ás 4 horas da tarde, sem o que não poderá ser aceite.

REI-FERA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

A. M. C.

CAMPEÃO DECIFRADOR DO N.º 39

QUADRO DE DISTINÇÃO

VAGO

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

N.os 1 Querela—2 Chavasco—3 Nonado—4 Jacarandá—5 Parabens—6 Agradecido—7 Precato—8 Saca-nabo—9 Salema—10 Japeto—11 Apotiacórava—12 Venusto—13 Esfolinhadouro—14 Tiramolar—15 Ricordo—16 Domingo—17 Lisboa—18 Vizeu—19 Tabula—20 Arcalião 21 Espanta-ratos—22 Farofia—23 Anteparo—24 Polichinelo—25 Rostir.

OUTROS DECIFRADORES:

ZELIA BORGES, DEMOCRITO E AS DE COPAS 17—ERRECÊ, 16—MIDA, 10—REIROBI, 9

CHARADAS EM VERSO

(*Ao ilustre* Bistronço, indo ao seu encontro)

(1)
Meu senhor «Bistronço», aqui tem vocencia
Quem conhece tanto e pensa ralar.
Quero pendencia
d'inteligencia,
p'ra isso o vim procurar.

Premio: uma *libra* a si lhe dou eu—2
que *tinia* á pouco ás pobres mendigas.—2
E' o metal seu
gastando o meu
reportorio de cantigas.

LHALHA

(*Provocando o perspicaz charadista* Orlando o Paladino)

(2)
Tenho visto as produções
que «Orlando» assina ás carradas.
E mato-as com ralações...
Ele é grão-mestre em charadas.

Fui uma vez para o campo
chegad'ao *braço da ria*—1
e pensei como um relampago,
enquanto a agua corria:

—«*Morra* eu se não matar—1
das charadas os conceitos!»...
. . . .
Matei tudo e fui notar
que o «Orlando» tem *defeitos!!*

TOUTINEGRO

(*Ao meu ilustre confrade e distinto charadista* Rei-Mora)

[Dicionario de Lacerda]

(3)
Meu caro amigo «Rei-Mora».
Recebi uma charada
que a «Auledo» é dedicada,
mas que ser não pode, embora

o quizesse, publicada.
Lance pois, amigo, fóra
o original. Agora
devo informa-lo que errada

veio de «Auledo» a produção.
'Ma *lagrima* de sentida—1
e profunda *compaixão*—1

p'lo sucedido, é vertida
por mim, *sisudo* que não
chorou jamais nesta vida.

REI-FERA

(*A* Dropé, *respondendo á sua* Oportuno)

[Dicionario de Lacerda]

(4)
Eis-me aqui, caro colega,
sempre pronto a ripostar
a todo o que quer refrega.
Vamos lá principiar:

Nunca deve desafiar,
quem a est'arte s'entrega,
todos, sem, antes, pensar
n'alguma coça ou esfrega...

Cá fica, amigo, na *lista*—2
p'ra primeira ocasião:
Faça *mofa* se é artista...—2

Ao ver a *pertubação*
de tão grande charadista,
hei-de rir até mais não...

REI-FERA

CHARADAS EM VERSO

(5)
Da *causa*, ou da razão—1
Do *culto religioso*,—2
Só lhe dá explicação
O *douto* conscencioso.

REI-MORA

(A «Rei-Mora»)

(6)
«A *medida* é conhecida—1
O *instrumento* igualmente,»—2
Mas o dono é um massador;
Causa *estorvo* a toda a gente.

VASCO H. DIAS

[Singela oferenda ao meu amigo Mario R. Namora e sua Ex.ma noiva Sr.a D. Ermengarda de Sá]

(7)
Chovam bençãos do Ceu, flores de prata
Sobre os noivos que eu canto pobremente;
Bemdita a claridade alvinitente
Que *em* sorrisos *do* Empireo se desata.—1

Traquina o pensamento vida grata,
Canteiros a florirem lindamente;
Ha osculos de afecto transcendente
Nos filhos da paixão que se dilata...

Ermengarda, teu nome é sacrosanto...
O amor em *ti*, é graça, é doce canto—1
Que adormece teu Mario em ledo sonho.

Escrevendo estes versos sem valor,
Eu desejo-vos que esse puro amor
Vos *cinja* n'um futuro bem risonho...

ORDISI

CHARADAS EM FRASE

(8) Não *descobre* na *epiderme* a cor duma *pedra preciosa?*—2—1.

REI-VAX

(A «Dropé»)

(9) ... Que na baixa havia grande *tropel! Porque* diabo prega você tanta *mentira?*—1—1

DEMOCRITO

(10) O peixeiro pagou o *imposto sobre peixe* co ena de lhe ser *exigido*—3—1

OS 4 MADUROS

(11) *No cerebro* de quem *estudou não é boa a balburdia*—1—1—1

JAMES & MICHAEL

(12) A *inquietação d'alma* que tivera ao ver-me *abandonado*, tornara-me *pensativo*.—3—1

A. M. C.

(13) Por *falta de rubrica*, não é valido o *recibo*.—2—1

REI-MORA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 40

Por S. Jacob Elson (Filadelfia)

Pretas (5)

(Brancas 11)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 38

1 C 4 R

Este problema é um verdadeiro «task probleme».

O Cavalo preto oferecido em holocausto ás oito peças brancas correspondendo um mate diferente a cada captura. Uma construção muito dificil.

Recebemos soluções dos srs. Marques de Barros, Vicente Mendonça e A. D. Cruz. Este ultimo solucionista chama por engano notação franceza á notação algebrica.

Nos dizeres do n.º 39 deve-se ler pregagem em vês de pagagem e pegagem, e pregadora em vês de pegadora.

CHARADAS EM FRASE

(14) Pus *termo* á discussão, *apenas* por me julgar um homem *brioso*.—2—1

AFRICANO

(15) Eis a *medida da cobertura* deste *toldo*—2—1

(16) O *homem* ha *muito* que *para o laço* do *estrangeiro*—4—2—1—1

PATO BIGAS

(17) Depois de rectificar o *calculo*, fiquei com *pena* de não ter comprado o *movel antigo*—2—1

REI-BARRO

(18) O *creado* tem *parecença* de quem tem bom *jantar*—1—1.

LHALHA

ENIGMA

(*Ao insigne* Dropé, *respondendo á sua* Oportuno)

(19)
Moço que leva as armas do seu rei
e neto em dia apenas de tourada;
Grumete para a limpeza, que eu sei
fazia bem feita e sem lhe custar nada!

Tudo foi este homem de pura lei
que vai sentindo acabar, já cançada
a longa vida andado pela grei
e muita gente olhou por pouco honrada!

Mas sempre brilho á sua classe deu.
Severamente, a honra enalteceu
como nenhum que a inveja fez baço.

Belo era ve-lo alegre, sorridente,
andando vivo e feliz, bem contente,
quando o seu Rei ia *acompanhar* ao Paço

TOUTINEGRO

ENIGMA FIGURADO

VARIA

RESPOSTAS A CONSULTAS

JOHN BUL.—Caracter energico e impulsivo, ambicioso, ciumento, orgulho desmedido de si proprio. Valente e dedicado para uns e mau inimigo para outros. Franco, brusco por isso, bom gosto, ideias proprias e nada mudaveis, inteligencia mais intuitiva que cultivada, boa memoria, e boa assimilação de tudo (até dos alimentos!).

S. C.—Não serve o papel pautado e muito menos «quadriculado»!

SÃO TOMÉ. — Amor ás coisas frivolas e agradaveis, entre elas fado e baile... «etc». «etc», muito apaixonado e muito dedicado. A's vezes pensa em coisas serias e não se dá mal... mas não tem fraca força de vontade. Não é mau mas é inconsciente, o que lhe traz por vezes complicações e coisas desagradaveis. Idealista no fundo, e romantico perfeito, generoso, amavel. Tudo bom, menos o juizo...

SEREIA DE PEDRA. — Inteligencia não muito cultivada, nervos indomaveis, amor aos romances, generosidades incompreensiveis... estraga de um lado e poupa doutro. Energica em coisas moraes e branda em coisas que a não interessem intimamente embora sejam dos seus. Reservada, com bastante habilidade manual, é muito vaidosa sabendo não o parecer.

UM AVIADOR, QUE SONHA EM O SER?! Bom gosto, amor ao estudo, inimigo de perder tempo em coisas inuteis, nada vaidoso e nada orgulhoso, nervos fortes bem dominados, um tanto egoista, sem ser miseravel não é muito generoso, sentimento de poesia... portuguesa, aptidões para as matematicas, muito amavel e muito dado.

UM LEÃO MACHO.—Boa força de vontade um tanto impaciente, bom diplomata... para dizer verdades... optimismo de quem tudo confia de si proprio, energico, valente, leal, inteligencia assimilavel.

CLARINHA DE AZEVICHE. — Caracter simples e dedicado, sem complicações de nenhum genero. Amor á dança, boa memoria, temperamento impulsivo e egoista humanamente natural sem premeditação nem ambições, grande amor aos animaes e ás flores—asseio moral e espiritual, sensualidade forte optimismo.

EDMUNDO SARAIVA.—Inteligencia mal aproveitada, caracter impulsivo, energia moral e material, sempre descontente de si proprio, «isto vai mudar» é a sua fraze predilecta mas... não muda nada... Brusco mas bom amigo, energico e valente, muito sensual... muito «portuguez».

SUSANITA. — Temperemento mais subtil que inteligente, dedicada humilde e habilidosa, ideias sãs e espirito recto do dever, bom coração, boa memoria, economica, ordenada sem complicações, Possue a grande sciencia de saber esperar e... deve ser feliz.

ARATO.—Impetuoso, inteligente e o contrario do grafismo anterior, mas devem-se dar bem, não? Inteligencia boa e cultivada, originalidade anterior, amor ao conforto, sentimento elevado do dever e do heroismo. Espirito complicado ás vezes por causa de analisar demasiado as coisas, espirito de proteção, generosidade, amor pela poesia boa, sensualidade forte.

UMA QUE AMA UM ARMANDO.—Eu não adivinho minha senhora, mas como a sua carta me revela um caracter bondoso e dedicado com muito boas qualidades, mais natural é que esse Armando que deseja saber se a ama, se não é um estupido... deve ama-la com todas as forças do seu coração. Os meus votos para que assim seja!

RUY MARTIN.—Inteligencia esperta mais que estudiosa, habitos de trabalho amor ao estudo, sensual, dedicado com paciencia para tudo. Habilidade manual, trato afavel, egoismo natural, e ambicioso mas não quer ter ganhos fazendo mal aos outros. Espirito religioso, sem exagero, optimismo de boa vontade, amor á estetica.

UM QUE ADORA A SUA ILDA.—Inteligencia mediocre, excepto para os numeros, imaginação infantil, apaixonada, egoista, com nervos fracos. Boa memoria, para coisas inuteis, amor aos sports, vaidoso como uma creança, generosidade... de dar esmola na rua mas incapaz de um sacrificio, cuidadoso de sua pessoa e ordenado.

JULIA FERREIRA.—Caracter reflexivo e inteligente, nervos bem dominados, ideias proprias, generosidade bem entendida, pouca vaidade e muito orgulho. Espirito religioso sem exagero, verbo facil, bom gosto para tudo, idealismos bem dominados, sensualidade forte e excessivamente cerebral.

DEMÓGENES.—Temperamento apaixonado e impulsivo, não desprovido de imaginação, bom coração, um tanto idealista. Com bons nervos e sabendo domina-los, sentimento de poesia, muito orgulho de si proprio, generoso, curioso e amante de discutir e de dançar.

J. S. B.—Leia a analise anterior que lhe fica que nem uma luva.

M. F.—Impressionavel, apaixonado impulsivo e mais sonhador do que devia (dada a idade) mau estudante por falta de paciencia (estuda outras coisas que lhe agradam mais) inteligente quando quer, não muito generoso, materialmente mas quando se trata de ajudar a um amigo... com toda a vontade se o que pede não é dinheiro... Pouco amante do fado, com muito espirito para ferir os camaradas sem maldade só por... fazer espirito, valente e serio, no fundo de toda a sua aparencia frivola de rapaz estouvanado.

DAMA DOS LILAZES.—Caracter seco na aparencia mas fortemente imprecionavel, com bom gosto para tudo, um tanto pessimista, pouca vaidade, nervos vibrateis, espirito religioso, teimosia, curiosidade, espirito de contradição, amor aos gatos e ás flores.

ROSA BRANCA.—Inteligencia vulgar e mediocre, nenhuma complicação espiritual, generosidade bem entendida, curiosidade, amor ás flores e aos romances suaves e amorosos, equilibrio moral, habilidade para a costura.

A O P. C. BELEM.—Força de vontade e resoluções prontas, nervos fortes e bem dominados embora a custo, energico, trabalhador, amante da sciencia e da arte. Generoso, impulsivo, amor á estetica, por vezes violento mas passa depressa, amor á verdade.

XONITA.—Boa imaginação, bom gosto, ideias proprias, boa memoria, nada mentiroso, pratico e desejando-o ser ainda mais, amor á estetica e aos versos. Pouca vaidade exterior mas muito orgulho de si proprio, espirito religioso sem exagero, curiosidade, idealismo quando lê romances, mas... cae logo na vida pratica e não faz asneiras.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

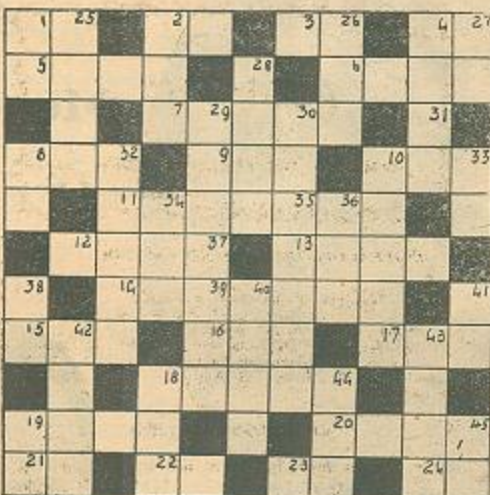
Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

HORIZONTALMENTE

1 — Primeira nota de musica 2—O maior rio de Italia 3—Artigo arabico 4—Estudei 5—Instrumento de cordas 6—Uma das 5 partes do mundo 7—Curar 8—Planta da China 9—Tres letras da palavra MATA 10—Pise 11—Unira 12—Sentimento 13—Medida antiga 14—Principios 15—Caminhavas 16—Tomba 17—Pedra 18—Siga 19—Capote 20—Alto 21—Carta 22—Folga 23—Seguia 24—Artigo (pl.)

VERTICALMENTE

1—Terra portugueza 2—Tranquilidade 4—Especie de musgo 6—Elemento 8—Porquê 10—Monsão 18—Casal 19—Aqui 25—Saco 26—Casa 27—Caminhava 28—Lavrar 29—Nação 30—Projecteis 31—Pedra do moinho 32—Divisões 33—Elemento 34—Magua 35—Seguireis 36—Batraquio 37—Abastada 38—Olhei 39—Concubina (ant) 40—Tecido transparante 41 — Nota de musica 42—Saliencias 43—Veia 44—Tumulo 45 Artigo (pl.).

Soluções do ultimo numero

HORIZONTALMENTE

1—Lava 2—Maca 3—Ai 4—Ir 5—Aro 6—Só 7—Tara 8—Miar 9—Livra 10—Rã 11—As 12—Dai 13—Pé 14—Arasari 16—Arco 16—Arma 17—Odo 18—Ara 19—A. V. 20—Ta 21—Vira 22—Asco.

VERTICALMENTE

2—Mês 3—Aral 5—Ar 13—Pira 14—Aco 15—Ata 16—Aras 18—Ata 23—Varal 24—Aroma 25—Rata 26—Roma 27—Lira 28—Ata 29—Li 30—Ala 31—Are 32—Ra 33—Ida 34—Vaz 35—Ria 35-A—Saco 36—Bata 37—Rodar 38—Raras 39—Cama 40 Ova.

CONCURSO

Até ao dia 15 de Novembro p. f. fica aberto um concurso para estes interessantes problemas, com 2 premios assim distribuidos.

«1.º Premio».—Para o desenho mais original.

«2.º Premio»—Para o problema mais bem feito.

Todos os outros problemas recebidos, serão publicados desde que reunam as necessarias condições.

Os desenhos deverão ser feitos em papel branco e a tinta da China, e enviados em carta a esta redação com a indicação de

CONCURSO DAS PALAVRAS CRUZADAS

CONTAS DO MEU ROSÁRIO—por José Castilho—(Ponte de Lima, 1925),

E' uma colecção de pequenos contos de caracter regional, quási todos de leitura agradável. Se, quanto ao «fundo» estes contos (que são «Contas», afinal...) abusam um pouco de temas faceis e gastos—como as superstições do povo rural, os amores contrariados ou não correspondidos, etc. —, quanto à «forma» só há a louvar o escrúpulo com que o autor bem integrado nas exigencias da literatura regional, fugiu quasi sempre a devaneios estilisticos, não desequilibrando desmedidamente a harmonia entre o seu comentario pessoal e o magnifico colorido das expressões populares que escrupulosamente transcreve.

VIAGEM SURPREENDENTE, novela por Eduardo Moreira, (Porto, 1925).

Tambem se poderia chamar *Novela Supreendente, viagem organisada á pressa, á volta de todas as religiões*... Miscelânea, confusão... Mas disso não tem culpa o autor segundo afirma o sub-titulo do livro, que reza assim: Curiosa jornada que o simpatico jovem Ateu fez pela estrada da Inquisição, agora *singela e sucintamente* narrada por Eduardo Moreira, que na sua peregrinação sobre a Terra, habita a cidade do Porto onde esta historia viu a luz, no ano da Graça do Senhor 1925.»

O BARBA-AZUL E O GIGANTE DOS CABELOS D'OIRO — contos coligidos por Henrique Marques Junior, (Lisboa 1925).

Já mais duma vez felicitei o sr. Marques Junior pela sua caritativa obra de continuar reunindo algumas paginas de leitura, cuja acção sôbre o espirito e a imaginação infantil o tempo já se encarregou de provar que não era prejudicial.

Nêstes volumes, como nos anteriores, o sr. Marques Junior continua no entanto, a usar de reservas na adopção franca da ortografia oficial, que é, indiscutivelmente, a que deve ser usada por todos os que, embora não queiram ou não possam ajuizar das boas razões de ordem filosofica que *obrigam* a respeita-la—, reconhecem a vantagem de se chegar depressa a uma unificação ortografica, propria dum idioma que, como o nosso, tem tão nobres foros de grande orgão literario.

Este reparo só o faço, contudo, por se tratar de paginas que vão ser lidas *por crianças*.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Actualidades gráficas

A festa dos Mercados

MARIA DE JESUS
Do Mercado de Santos

ILDA FERNANDES
Do Mercado da Praça da Figueira

PALMIRA DE JESUS
Do Mercado 31 de Janeiro

ILDA DUARTE
Do Mercado de Santos

CANDIDA DA LUZ
Do Mercado 24 de Julho

ILDA DA CUNHA PINTO
Do Mercado da Ribeira

PUBLICIDADE

BRISTOL CLUB

O melhor de todos

JOALHARIA E OURIVESARIA

PRATAS ARTISTICAS

Marianno Costa

245, RUA AUREA, 247

TEL. 2393 C. LISBOA

JAPONIKA

É o melhor e o mais antigo esmalte

Agentes geraes para Portugal, Ilhas e Colonias

Chemical Produces Ltd.

RUA DA MADALENA, 45, 1.º

LISBOA C. 4374

Não se iludam

Usem o conhecido e precioso sabonete **CRÉME CALDAS SANTAS**, de L'AGUIAR, descobridor e ex-concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e proprietario de todas as formulas dos productos **CALDAS SANTAS** e **LUCY**. Frizar sempre a palavra **CRÉME** para não confundir com o sabonete **CALDAS SANTAS**, confusão que não se deseja. Á venda em toda a parte.—Deposito geral: BRAZILIAN FLORA, Rocio, 73, 1.º—Telefone Norte **4829**.—Requisitem o livro descritivo scientifico.

PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.da

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

O melhor automovel **O. M.** A melhor marca

O unico automovel bom

ESPIRITA

TUDO consegue rápido, faz e desmancha casamentos, resolve todos os negocios, etc.; trata com seriedade. Pelo correio enviar dez escudos; consultas das 10 ás 19 horas.

RUA DO SOL AO RATO, 215, 3.º

O DOMINGO
ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º LISBOA

TELEF. N. 908

FUNERAES

Dos mais simples aos de maior pompa

Mario Augusto da Silva Milheiro

131, RUA DOS ANJOS, 133

LISBOA

Trasladações para todos os cemiterios, provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc. Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares

TELEFONE 1094 N.

PREÇOS REDUZIDOS

Chamadas a toda a hora

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Farò, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto' Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL RESTANTES PAIZES ESTRANGIERO

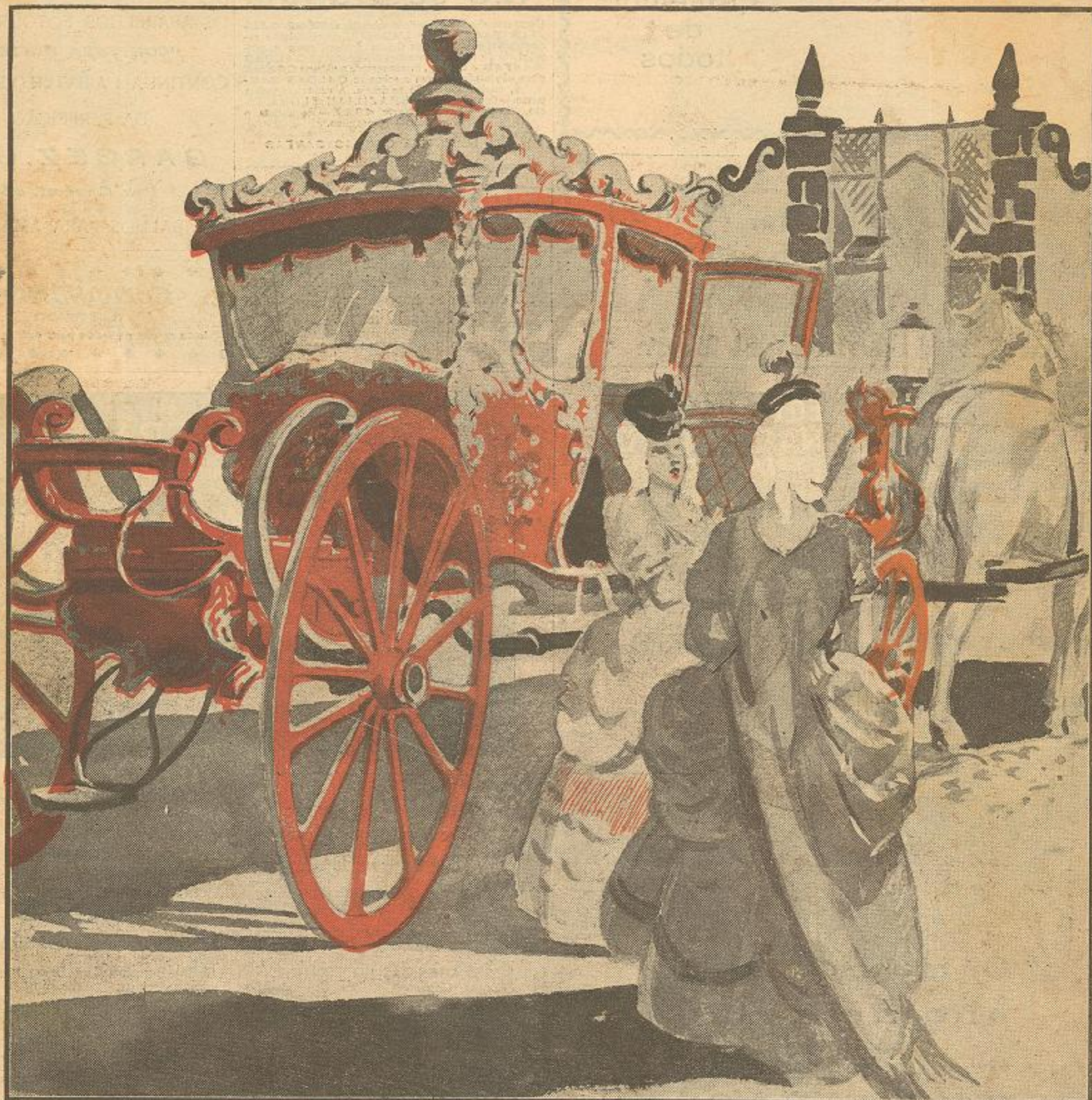
O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A grande festa dos mercados

A festa do mercado do seculo XVII, no Largo de S. Domingos reconstituido por Matos Sequeira, Alberto de Sousa e Leitão de Barros e que é uma das notas mais curiosas das festas de Lisboa. As duas elegantes artistas que percorreram a cidade no coche do Marquez de Valadas.

Veja o nosso concurso de novelas curtas